

Prefácio	11
Aditamento à edição definitiva (1832)	13
<b>LIVRO PRIMEIRO</b>	
I. A sala grande	19
II. Pierre Gringoire	33
III. O Senhor Cardeal	42
IV. Mestre Jacques Coppenole	48
V. Quasímodo	57
VI. Esmeralda	64
<b>LIVRO SEGUNDO</b>	
I. De Cila para Caríbdis	69
II. A Place de Grève	72
III. <i>Besos para golpes</i>	75
IV. Os inconvenientes de seguir à noite pelas ruas uma mulher bonita	85
V. Prosseguem os inconvenientes	90
VI. A bilha quebrada	93
VII. Uma noite de núpcias	111
<b>LIVRO TERCEIRO</b>	
I. Notre-Dame	123
II. Paris de relance	131
<b>LIVRO QUARTO</b>	
I. As boas almas	155
II. Claude Frollo	159

III. <i>Immanis pecoris custos, immanior ipse</i>	164
IV. O cão e o dono	171
V. Continuação de Claude Frollo	173
VI. Impopularidade	179
LIVRO QUINTO	
I. <i>Abbas beati Martini</i>	183
II. Isto vai acabar com aquilo	193
LIVRO SEXTO	
I. Um olhar imparcial sobre a antiga magistratura	209
II. O buraco das ratazanas	219
III. História de um bolo de farinha de milho	223
IV. Uma lágrima por uma gota de água	243
V. Fim da história do bolo	252
LIVRO SÉTIMO	
I. Do perigo de confiar segredos a uma cabra	257
II. Um padre e um filósofo são coisas diferentes	271
III. Os sinos	280
IV. 'ΑΝΆΓΚΗ	283
V. Dois homens vestidos de preto	296
VI. Do efeito que podem ter sete pragas ao ar livre	302
VII. O monge mau	307
VIII. Utilidade das janelas que dão para o rio	315
LIVRO OITAVO	
I. O escudo transformado em folha seca	325
II. Continuação do escudo transformado em folha seca	334
III. Fim do escudo transformado em folha seca	339
IV. <i>Lasciate ogni speranza</i>	342
V. A mãe	355
VI. Três corações de homem muito diferentes	359
LIVRO NONO	
I. Febre	377
II. Corcunda, zarolho e coxo	387
III. Surdo	391
IV. Barro e cristal	394
V. A chave da Porta Vermelha	404
VI. Continuação da chave da Porta Vermelha	406

## LIVRO DÉCIMO

I. Gringoire tem boas ideias ao andar pela Rue des Bernardins	413
II. Passe a ser vadio	423
III. Viva a alegria!	426
IV. Um amigo desastrado	434
V. O retiro onde o senhor Luís de França recita as suas horas	453
VI. Punhal vadio	483
VII. Châteaupers acorre	485

## LIVRO DÉCIMO PRIMEIRO

I. O sapatinho	491
II. <i>La creatura bella bianco vestita</i>	522
III. Casamento de Phœbus	530
IV. Casamento de Quasímodo	531
Notas	535

## I

### A SALA GRANDE

Faz hoje trezentos e quarenta e oito anos, seis meses e dezanove dias que os Parisienses despertaram com o som de todos os sinos, que dobravam a bom dobrar, no triplo recinto da Cité, da Université e da Ville.

No entanto, aquele 6 de janeiro de 1482 não foi um dia de que a História tenha ficado com alguma recordação. Não houve nada de memorável naquele acontecimento que logo pela manhã pôs os sinos a tocar e agitou os burgueses de Paris. Não se tratava nem de um ataque de picardos ou de borgonheses, nem de um relicário levado em procissão nem de uma revolta estudantil nas vinhas de Laas, nem da inesperada chegada do *nosso assim dito mui temido senhor, nosso rei*, nem tão-pouco de um atrativo enforcamento de ladrões ou de ladras pela Justiça de Paris. Também não tinha nada que ver com a chegada, tão frequente no século xv, de alguma embaixada extravagante e cheia de penachos. Havia apenas dois dias que o último desfile desse género, o dos emissários flamengos encarregados de fazer os acertos do casamento do delfim com Margarida de Flandres, tinha entrado em Paris, com grande desgosto do senhor cardeal de Bourbon que, para agradar ao rei, teve de fingir que estava satisfeito perante toda aquela rústica multidão de burgomestres flamengos e de os obsequiar, no seu palácio de Bourbon, com a representação de um *belo auto e de uma divertida sotia*, enquanto uma chuva constante lhe encharcava as magníficas tapeçarias colocadas à entrada.

Naquele 6 de janeiro, o que *emocionava toda a população de Paris*, como disse Jean de Troyes, era a dupla celebração, que já vinha de tempos imemoriais, do Dia de Reis e da festa dos loucos.

Nesse dia, havia fogueira comemorativa na Place de Grève<sup>7</sup>, plantação de maio<sup>8</sup> na capela de Braque e mistério no Palácio da Justiça. O pregão tinha sido feito na véspera, ao som de trombeta, nos cruzamentos das ruas, pelos emissários do senhor preboste, ataviados com belos trajes roxos de camelão e grandes cruzeiras brancas no peito.

Logo pela manhã, a multidão de burgueses e de burguesas fechava as casas e as lojas e acudia então de toda a parte para um dos três locais designados. Cada um escolhia a fogueira comemorativa, a árvore de maio ou o mistério. Há que dizer, em louvor do tradicional bom senso dos basbaques de Paris, que a maior parte desta multidão optava pela fogueira comemorativa, muito adequada à época, ou pelo mistério que devia ser representado no sala grande do palácio, bem coberta e bem fechada, e que os curiosos pareciam concordar que se deixasse a pobre árvore de maio pouco florida a tremer de frio e sozinha, sob o céu de janeiro, no cemitério da capela de Braque.

O povo concentrava-se sobretudo nas avenidas do Palácio da Justiça, porque se sabia que os embaixadores flamengos, chegados na antevéspera, iam assistir à representação do mistério e à eleição do papa dos loucos, que devia realizar-se igualmente na grande sala.

Naquele dia, não era nada fácil entrar nesse salão, então considerado o maior recinto coberto do mundo (é verdade que Sauval ainda não tinha medido a sala grande do castelo de Montargis<sup>9</sup>). A praça do palácio, a abarrotar de gente, oferecia aos curiosos que assomavam às janelas o aspeto de um mar, no qual cinco ou seis ruas desembocavam como se fossem rios, vazando constantes e renovados fluxos de cabeças. As vagas dessa multidão, que iam continuamente engrossando, iam de encontro às esquinas das casas, que surgiam aqui e ali como promontórios, na configuração irregular da praça. No centro da alta frontaria gótica<sup>10</sup> do palácio, a grande escadaria, utilizada incessantemente por uma dupla torrente ascendente e descendente de pessoas, era interrompida no patamar intermédio e espalhava-se em ondas largas pelas duas vertentes laterais. Então o fluxo dessa grande escadaria desaguava ininterruptamente na praça como uma cascata num lago. Os gritos, os risos e o sapateado de mil pés criavam um enorme tumulto e um incessante clamor. De vez em quando, esse clamor e esse tumulto redobravam, e a corrente que empurrava toda aquela multidão para a grande escadaria mudava de rumo, alvoroçava-se e rodopiava devido aos empurrões de algum arqueiro ou ao cavalo de um sargento do pre-

bostado que escoicinhava para restabelecer a ordem, numa admirável tradição que o prebostado legou à jurisdição do condestável, este à *ma-réchaussée*, que, por sua vez, a transmitiu à nossa gendarmaria de Paris<sup>11</sup>.

Às portas, às janelas, às lucarnas e nos telhados, formigavam milhares de boas caras burguesas, serenas e honradas, que olhavam para o palácio, observavam a multidão e ficavam satisfeitas com isso, porque há muita gente em Paris que se contenta com o espetáculo de ser espectadora e, para nós, já não é pouco interessante contemplar uma muralha atrás da qual se desenrola alguma coisa.

Se nos fosse permitido a nós, homens de 1830, misturarmo-nos em pensamento com aqueles parisienses do século xv e entrar com eles aos solavancos, acotovelados e repelidos naquela enorme sala do palácio, tão estreita naquele 6 de janeiro de 1482, o espetáculo não deixaria de ter interesse e encanto e teríamos à nossa volta coisas que, por serem tão antigas, nos pareceriam novinhas em folha.

Se o leitor o permitir, vamos tentar reconstituir em pensamento a emoção que teria sentido ao transpor connosco a porta daquela enorme sala, no meio de uma multidão que usava sobreveste, saio e tabardo.

Para começar, temos zumbido nos ouvidos e deslumbramento para os olhos. Sobre as nossas cabeças, há uma dupla abóbada em ogiva, revestida de lambris com esculturas de madeira, pintada de azul, com flores-de-lis douradas, e, debaixo dos pés, temos um pavimento mármoreo, em que o preto e o branco alternam. A poucos passos de nós, encontramos uma enorme coluna, depois outra e mais outra; ao todo, são sete colunas ao longo da sala, que sustentam, a partir do meio da sua altura, as bases da dupla abóbada. Em redor das quatro primeiras colunas, há lojas de comerciantes, repletas de vidros e de objetos reluzentes; à volta das últimas três, veem-se bancos de carvalho gastos e polidos pelos calções dos pleiteantes e pelas togas dos procuradores. À volta da sala, e ao longo da espessa parede, entre as portas, entre as janelas, entre as colunas, está a interminável sequência de estátuas de todos os reis da França, desde Faramundo; os reis que pouco fizeram estão de braços caídos e de olhos baixos, mas os reis audaciosos e batalhadores têm a cabeça e as mãos orgulhosamente erguidas para o céu. A seguir, nas altas janelas ogivais, temos vitrais de mil cores e nas amplas saídas do salão, ricas portas finamente esculpidas; e o conjunto — com abóbadas, colunas, grossas paredes, alizares, lambris, portas, estátuas — é recoberto de alto a baixo por uma esplêndida iluminura

azul e dourada que, já um pouco descolorida na época em que a estamos a ver, havia quase totalmente desaparecido sob a poeira e as teias de aranha no ano da graça de 1549, quando Du Breul, por respeito à tradição, ainda a admirava<sup>12</sup>.

Imaginemos agora essa enorme sala oblonga, iluminada pela ténue claridade de um dia de janeiro, invadida por uma multidão colorida e agitada que deambula junto às paredes e que rodopia por entre as sete colunas, e teremos uma ideia, ainda que um tanto confusa, do conjunto do quadro do qual vamos tentar indicar com mais precisão alguns pormenores curiosos.

É certo que, se Ravaiillac não tivesse assassinado Henrique IV, não teria havido provas do processo Ravaiillac no arquivo do Palácio da Justiça, nem tão-pouco cúmplices interessados em fazer desaparecer essas peças, nem incendiários que, à falta de melhor alternativa, foram obrigados a queimar os registos para queimarem as provas, e a queimar o Palácio da Justiça para queimarem os registos: ou seja, e resumindo, não teria havido o incêndio de 1618. O velho palácio ainda estaria de pé, com o seu velho salão, e eu poderia dizer ao leitor: «Vá visitá-lo.» E, assim, ambos estaríamos dispensados deste trabalho: eu não teria de fazer esta descrição e ele não teria de a ler. Tudo isto comprova esta verdade nova: os grandes acontecimentos têm consequências incalculáveis.

Também é muito possível que Ravaiillac não tivesse cúmplices ou, caso os tivesse, que estes não estivessem implicados no incêndio de 1618. Existem duas outras explicações muito plausíveis. Em primeiro lugar, temos a grande estrela de fogo, com um pé de largura e um côvado de altura, que caiu do céu, como todos sabem, bem em cima do palácio, a 7 de março, depois da meia-noite. Em segundo lugar, temos a quadra de Théophile<sup>13</sup>:

Na verdade, foi um triste jogo,  
Quando em Paris dona Justiça  
Por ter abusado dos picantes,  
Pôs todo o palácio em fogo.

Independentemente do que se pensar desta tripla explicação política, física ou poética do incêndio de 1618 do Palácio da Justiça, o único facto infelizmente certo é que o incêndio ocorreu. Hoje resta muito pouco do antigo edifício, devido a essa catástrofe e devido sobretudo

às diversas e sucessivas restaurações que deram o último golpe no que o incêndio tinha poupado. Resta muito pouco desta primeira moradia dos reis da França, deste palácio anterior ao Louvre, já tão velho no tempo de Filipe, *o Belo*, que nele se procuravam traços dos magníficos edifícios erguidos pelo rei Roberto e descritos por Helgaldus. Quase tudo desapareceu. Que é feito da câmara da chancelaria onde São Luís consumou o seu casamento? E do jardim onde ele, deitado num tapete, administrava a justiça, «vestindo uma cota de camelão, uma sobreveste de tiritana sem mangas e um manto de cendal negro, na companhia de Joinville»? Onde está o quarto do imperador Sigismundo? O de Carlos IV? O de João sem Terra? Onde está a escadaria de onde Carlos VI promulgou o seu édito de clemência? E a laje onde Marcel degolou, na presença do delfim, Robert de Clermont e o marechal de Champagne<sup>14</sup>? E o guiché onde foram rasgadas as bulas do antipapa Bento e de onde voltaram a sair os que as haviam trazido, encapados e de mitra que os punham a ridículo, e os obrigavam a retratar-se por toda a cidade de Paris? E a sala grande com os seus dourados, o seu azul, as suas ogivas, as suas estátuas, as suas colunas e a sua imensa abóbada completamente esculpida? E o quarto dourado? E o leão de pedra que estava à entrada, agachado, de cabeça baixa e de rabo entre as pernas, como os leões do trono de Salomão, em atitude submissa, como deve estar a força perante a justiça? E as belas portas? E os belos vitrais? E as fechaduras cinzeladas que desmoralizavam Biscornette? E a delicada marcenaria de Du Hancy?... Que fez o tempo, que fizeram os homens a todas essas maravilhas? O que nos deram por tudo isso, por toda essa história gaulesa, por toda essa arte gótica? No que diz respeito à arte, temos os pesados sarapanéis de Monsieur de Brosse, o desajeitado arquiteto do portal Saint-Gervais; e, no referente à História, ficámos com as recordações tagarelas da coluna central, onde ainda ressoam os mexericos de Patrus.

Não é muito, mas voltemos à autêntica sala grande do verdadeiro e velho palácio.

As duas extremidades deste gigantesco paralelogramo estavam ocupadas, uma pela famosa mesa de mármore, tão comprida, tão larga e tão grossa como nunca se viu *semelhante fatia de mármore no mundo* — dizem os velhos registos feudais —, num estilo de abrir o apetite de Gargântua, e outra pela capela onde Luís XI ordenou que lhe fizessem uma escultura, ajoelhado diante da Virgem, e para onde tinha mandado